Introdução

Alba Valeria Tinoco Alves Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, A.V.T.A. Introdução. In: *Deus e o diabo no humor das mulheres: contos, casos e crônicas com humor escritos por mulheres* [online]. Salvador: EDUFBA, 2015, pp. 9-18. ISBN: 978-85-232-1868-3. <https://doi.org/10.7476/9788523218683.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Na introdução de seu livro *Os humores da língua*, Sírío Possenti¹ diz que acha difícil que se possa acrescentar algo interessante ao que já foi dito sobre o humor, principalmente sobre os chistes ou a piada, a menos que se descubra um novo ângulo de análise sobre o assunto. Ele acrescenta, contudo, que ainda há questões a serem abordadas nesse campo, entre as quais ele inclui a sugestão feita por Millôr Fernandes² a teólogos, psicólogos, antropólogos de que se estude a ocorrência de piadas em grupos discriminados.

É possível que o tema deste livro esteja alinhado, ao mesmo tempo, com a reflexão de Possenti e com a sugestão de Millôr, pois o que se pergunta aqui é por que a participação das mulheres na produção de textos de humor no Brasil parece tão insignificante. Essa afirmação baseia-se em obras de referência sobre o humor, publicadas entre 1969 e 2012, nas quais os nomes de mulheres nunca ultrapassam 5% do total de autores.

Em antologias de contos não humorísticos, o percentual de mulheres é mais significativo do que aquele apresentado para os textos de humor. Tomando como exemplo a antologia *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Italo Moriconi³, nela são arrolados

1 POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 14-15.

2 FERNANDES, M. *Diário da Nova República*. Porto Alegre: L&PM, 1988. p. 171. (v.3).

3 MORICONI, Í. (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

74 autores, dentre os quais 18 são mulheres, um percentual de cerca de 25%. Em comparação, na antologia *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal*, organizada por Flávio Moreira da Costa⁴, publicada no mesmo ano, dos 78 nomes de autores compilados, há apenas quatro mulheres; e nos 21 autores brasileiros citados, há apenas uma mulher, Zulmira Ribeiro Tavares.

Por outro lado, há uma certa predominância de antologias de contos escritos por mulheres voltadas para a temática da escrita feminina, do amor e do erotismo, como, por exemplo, *O conto da mulher brasileira*⁵, em 1978; *O papel do amor* em 1979⁶; *Muito prazer*⁷ e *O prazer é todo meu*⁸, duas antologias de contos eróticos, selecionados por Márcia Denser, lançadas, respectivamente, em 1982 e 1984; e *Erótica: contos eróticos escritos por mulheres*, organizada por Bebéti do Amaral Gurgel⁹.

O que se quis flagrar, ao citar a baixa incidência de nomes de mulheres em antologias do humor, no Brasil, é que conquanto a mulher já tenha conquistado seu espaço na literatura é como se aí ainda restassem alguns nichos recônditos aos quais ela supostamente não teria acesso. E não falta quem esteja disposto a considerar “natural” essa ausência de mulheres no campo de humor e até mesmo explicar as razões pelas quais tal fenômeno ocorre. Como é o caso, por exemplo, do ensaísta Christopher Hitchens¹⁰, cujo artigo, publicado na *Folha de S. Paulo*, no Dia da Mulher, do ano de 2007, explica, arrolando razões científicas e sociológicas, por que as mulheres não são engraçadas.

4 COSTA, F. M. *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

5 STEEN, E. (Org.). *O conto da mulher brasileira*. São Paulo: Vertente, 1978.

6 STEEN, E. *O papel do amor*. São Paulo: Cultura, 1979.

7 DENSER, M. (Org.). *Muito prazer: contos eróticos femininos*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

8 DENSER, M. (Org.). *O prazer é todo meu: contos eróticos femininos*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

9 GURGEL, B. A. (Org.) *Erótica: contos eróticos escritos por mulheres*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

10 HITCHENS, C. Por que as mulheres não são engraçadas? *Folha de S. Paulo*, 8 mar. 2007. Ilustrada, p. E4-E5.

Os motivos arrolados por Hitchens¹¹ para a falta de humor nas mulheres serão retomados ao longo deste trabalho, o que vale considerar, por enquanto, é a falta de motivos ou de critérios para a não inclusão de textos escritos por mulheres das antologias e enciclopédias citadas, já que os seus organizadores justificam muito pouco as suas escolhas.

Na introdução de *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal*, Costa¹² diz que as definições de humor, contidas nos dicionários, são insuficientes ou limitadoras, e que não tem graça teorizar sobre o assunto. Já Luís Pimentel¹³, na introdução de *Entre sem bater*, alega o caráter não científico da compilação para limitar-se a citar algumas características gerais dos inventores anônimos de piada, tais como cinismo, inventividade, duplo sentido e jogos de palavras.

Não há, em resumo, por parte dos compiladores, uma explicitação de “requisitos de humor” que justifiquem a inclusão ou exclusão de autores em suas respectivas compilações. No que diz respeito a essas obras, e dada a sua falta de critérios, não há como saber se as mulheres ficaram delas ausentes, porque, de fato, não escrevem textos de humor ou se delas foram excluídas porque os seus textos são insatisfatoriamente humorísticos ou porque nem sequer foram considerados como tal.

Essa aparente incompatibilidade entre mulher e humor já foi percebida em esferas mais amplas. Vladímir Propp¹⁴, por exemplo, em *Comicidade e riso*, fazendo uma distinção entre riso bom e riso mau, diz que o primeiro refere-se às pequenas falhas perdoáveis do ser amado. Já o riso mau se volta para os defeitos que, por mais insignificantes, são aumentados para alimentar maus sentimentos. Deste tipo de riso riem mulheres desiludidas e infelizes.

11 HITCHENS, 2007.

12 COSTA, 2001, p. 14.

13 PIMENTEL, L. *Entre sem bater!*: O humor na imprensa brasileira: do Barão de Itararé ao Pasquim21. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

14 PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992. p. 159.

De modo análogo, em *Teoria e política da ironia*, Linda Hutcheon¹⁵, resumindo a opinião de alguns filósofos e escritores sobre a relação da mulher com a ironia, diz que, quando esta é tida como debilitante, ela é descrita como um vampiro feminino (Kierkegaard); quando ela é considerada um sinal de inteligência, à mulher são negados acesso e entendimento (Palante); quando sua negatividade é vista como oposta ao instinto, fé, devoção e ação, as mulheres, as crianças e os revolucionários odeiam-na (Comrad).

E, finalmente, George Minois em *História do riso e do escárnio*, analisando as ideias de Konrad Lorenz sobre a agressão, questiona se “O fato de o riso ser essencialmente uma ritualização da pulsão agressiva não poderia explicar, em parte, o recurso menos frequente ao riso, nas mulheres”¹⁶.

Por essas afirmações, o que se pode inferir é que as mulheres não fazem rir, não sabem rir e, quando riem, riem mal.

Este trabalho desconfia desse menor (ou mau) uso do humor por parte das mulheres e quer saber se elas realmente escrevem menos (ou com menos) humor e, sendo este o caso, saber o porquê. Vale ressaltar que não se pressupõe nenhum tipo de carência criativa da mulher em relação ao humor, o que se quer é tornar significativa essa atuação aparentemente insignificante.

Aqui se interpõe a questão terminológica sobre o que se entende por humor neste trabalho, questão das mais espinhosas, porque a problemática da terminologia do humor é, na verdade, inesgotável. Por essa razão, não se vai estabelecer uma definição *a priori* para o termo, o que se entende por humor será enunciado, de alguma forma, ao longo do texto. Por hora o que se vai propor é que o humor seja compreendido como um campo¹⁷ vasto o suficiente para abranger o chiste, a ironia, a comédia, a paródia, a piada e correlatos.

A justificativa dessa proposta está no fato de que os objetivos centrais deste trabalho são: primeiro, documentar não só a flagrante

15 HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000. p. 24.

16 MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p. 619.

17 POSSENTI, S. É um campo: um programa. In: POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 171-180.

ausência de textos de humor escritos por mulheres em antologias e obras de referência do gênero, mas também a lacuna na discussão teórica sobre o assunto, no Brasil; segundo, tentar mostrar que a mulher usa o humor nos seus textos, seja este humor da ordem da ironia, do exagero, do grotesco, da autodepreciação, do cômico ou do sarcasmo. O que se vai buscar nos textos dessas mulheres é o uso da incongruência, da paródia, do quiproquó, algum procedimento encontradiço e reconhecível, não uma miragem conceitual.

Em torno desses objetivos algumas questões, problemas e hipóteses se afiguram. Um problema, por exemplo, que ressalta da análise das antologias citadas diz respeito à ausência de definição e critérios daquilo que qualifica um determinado texto a figurar numa antologia de humor. Essa lacuna exigiu a busca de respaldo teórico para dar conta de como o humor pode ser construído e se tornar reconhecível no texto. Vale ressaltar que não se quis aplicar o método experimental à análise de textos, entende-se que não se trata simplesmente de “se o texto A é uma paródia, então o texto A é humorístico”. A intenção foi adquirir um olhar mais atento para o gênero, como aquele, guardadas as devidas proporções, de Manuel Bandeira para a poesia, que o tornava capaz de encontrá-la nas notícias de jornal, nos anúncios da Casa Matias, num livro de fórmulas de toilette para mulheres¹⁸.

Outra questão diz respeito a saber se a pouca relevância do texto de humor escrito por mulheres no Brasil é um caso de inexistência ou de invisibilidade, e, em qualquer que seja o caso, entender as razões de sua ocorrência. Em havendo humor, o passo seguinte implica passar a conhecer um pouco sobre a relação entre as mulheres e a escrita do humor, em dois aspectos específicos: analisar, com o auxílio de textos narrativos produzidos por escritoras brasileiras, como os procedimentos de construção de humor são utilizados nesses textos e verificar qual ou quem é o alvo desse humor. Se ele se volta para a própria mulher e aquilo que a cerca mais intimamente: sua família,

18 BANDEIRA, M. Crônicas da Província do Brasil. In: BANDEIRA, M. *Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981. p. 26-27.

o relacionamento amoroso e o homem, enquanto parceiro nessa relação, ou se o seu escopo é mais abrangente.

Quando da definição do tema deste trabalho, quando se parou para pensar se havia ou não humor na literatura escrita por mulheres no Brasil, quase imediatamente, talvez por ter sido lido incontáveis vezes, o conto *Pomba Enamorada ou uma história de amor*¹⁹, de Lygia Fagundes Telles, foi não apenas o primeiro a ser escolhido para figurar em um possível *corpus* de análise, mas também uma espécie de garantia de que o tema era viável e de que já contava com um exemplar de peso.

Tendo sido demarcados a autora e seu conto como uma espécie de norte a orientar o processo de escolha de outros nomes e de outros textos, os critérios daí decorrentes para a compilação foram os de que a escritora deveria ser brasileira, ter sido publicada em vida, ter alguma notoriedade e demonstrar, no seu texto, situado entre moderno e contemporâneo, preferencialmente publicado em livro, algum traço de humor.

Esses critérios justificam-se pelo fato de não se estar aqui buscando a escritora desconhecida de humor, mas o humor majoritariamente desconhecido de algumas dessas autoras. Neste sentido, esse trabalho insere-se também numa espécie de movimento de resgate, embora não no sentido de tornar conhecido o texto ou a escritora até então ignorados, mas de ampliar o escopo de atuação da escrita das mulheres.

Os nomes de autoras da literatura brasileira foram, inicialmente, compilados da memória da pesquisadora e, depois, em antologias de contos publicadas em livro e na internet, livros de história e crítica da literatura brasileira e obras sobre o resgate da literatura escrita por mulheres no Brasil. Quando a lista chegou a cerca de 70 nomes, aplicaram-se os critérios mencionados anteriormente e escolheram-se cerca de 20 para figurar neste trabalho. Dessas escritoras, algumas já são conhecidas como escritoras que escrevem com humor, tais como Patricya Travassos e Leila Ferreira. Outras não

19 TELLES, L. F. *Pomba enamorada ou uma história de amor*. In: *Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

costumam ter o seu texto associado à ideia de humor, como, por exemplo, Lygia Fagundes Telles.

Faz-se presente aqui também a narradora anônima e atemporal de contos maravilhosos, mais especificamente, do conto *Artes de Branca-Flor*²⁰. A inclusão do conto se dá porque sua protagonista homônima pertence à mesma linhagem de Ulisses e Pedro Malasartes, ou seja, daqueles heróis que vencem dragões e demônios com o uso da astúcia²¹. A explicação para tal conto ser atribuído a uma narradora e não a um narrador, embora obviamente possa ser este o caso, é que eram as mulheres da minha infância, vizinhas, avós, tias, que costumavam contá-lo para mim.

Ainda quanto ao método, vale ressaltar que não se pretende dissecar contos em busca de vestígios de humor, muito menos tentar encaixá-los em categorias predeterminadas. Acredita-se, por conseguinte, que, de certa forma, vale para a narrativa o problema metodológico apresentado pelos mitos, que Lévi-Strauss aponta e que Derrida comenta, que é o fato de eles não se submeterem ao princípio cartesiano do dividir para solucionar, não existindo, portanto, um término para a sua análise, nem uma unidade secreta que se possa apreender no fim do trabalho de decomposição. Os temas multiplicam-se ao infinito. Quando se pensa tê-los separados e poder mantê-los à distância uns dos outros, é apenas para verificar que eles voltam a unir-se, por força de afinidades que não tinham sido previstas²².

Compreende-se, portanto, que já não é mais possível afirmar do que é que um texto trata, mas no máximo falar daquilo que uma determinada leitura considera de um determinado texto. O que aqui se pretende, pois, é ler e reler cuidadosamente cada um dos textos e comentar algum aspecto relacionado ao humor que ressalte de cada um deles, pelo método da bricolagem de Lévi-Strauss de

20 GUIMARÃES, R. *Lendas e fábulas do Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1964.

21 MENDES, C. F. *A gargalhada de Ulisses: um estudo da catarse na comédia*. 2001. 347 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

22 DERRIDA, J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 241. (Debates, v. 49).

que fala Derrida²³, usando, ao mesmo tempo, alguns utensílios das teorias do humor e outros tantos sugeridos pelos próprios textos, sem hesitar em trocá-los sempre que isto for necessário ou em experimentar vários ao mesmo tempo, mesmo que sua origem e sua forma sejam heterogêneas.

Acredita-se, por fim, que essa articulação entre os mecanismos de construção humorística e o presumido humor encontrado nos textos seja necessária para que o *status* de “texto contendo humor” não seja conferido aos exemplares pelo critério da pura subjetividade das preferências da compiladora. Embora, no fundo, no fundo, talvez tenha sido exatamente isto que prevaleceu, no final, uma escolha particular guiada por aquilo que se julgou mais interessante no decorrer do processo de compilação de itens para este texto, ou seja, o método do *parti pris*.

O resultado final dessas reflexões está organizado em quatro capítulos. O primeiro traz alguns estudos sobre o humor, articulados a partir de três vertentes: a posição de *superioridade* ou de distanciamento diante do objeto do qual se ri, a percepção no objeto de uma falha ou de uma *incongruência* risível e os *afetos* que essa posição e essa percepção suscitam, mas sem qualquer pretensão de exaurir o assunto, mesmo porque, de acordo com Minois²⁴, já existem mais de 800 teorias sobre questões ligadas ao riso.

O foco do capítulo 2 é a relação entre as mulheres e o humor, organizado em torno dos trabalhos de Regina Barreca²⁵, Gail Finney²⁶ e Nancy Walker²⁷, pesquisadoras do humor de mulheres nos Estados Unidos. Essas autoras discutem e questionam a crença generalizada de que as mulheres não sabem usar o humor e mostram como, na prática, elas o fazem. Esse fazer está compilado em uma antologia

23 DERRIDA, p. 239.

24 MINOIS, 2003.

25 BARRECA, R. *Last laughs: perspectives on women and comedy*. New York: Gordon and Breach, 1988.

26 FINNEY, G. (Ed.). *Look who's laughing: gender and comedy*. Longhorn, PA: Gordon and Breach, 1994.

27 WALKER, N. *Women's humor and American culture*. Minneapolis: Markham University of Minnesota Press, 1988.

intitulada *The Penguin Book of women's humor*, na qual Barreca²⁸ organiza uma série de textos escritos por mulheres e põe em evidência algum traço humorístico neles presentes. Seu livro reúne autoras de língua inglesa do século XVII até os dias de hoje, o que atesta, segundo ela, que as mulheres não se tornaram repentinamente engraçadas nos anos 1990, nem repentinamente ambiciosas nos anos 1970, nem sexualmente conscientes nos anos 1960 ou inteligentes no final do século XIX. Tais características, obviamente, sempre existiram, mas, de algum modo, sempre foram subestimadas.

Guardadas, mais uma vez, as devidas proporções e relativizações, isso que Barreca²⁹ afirma para o humor das mulheres americanas é análogo ao que acontece com o humor escrito por mulheres no Brasil. Sendo assim, o capítulo 2 vai tratar também da ausência, na prática e na teoria, de trabalhos sobre o humor escrito por mulheres no nosso contexto.

Apesar de o humor carecer de uma definição definitiva e satisfatória, Brito³⁰ observa que muitos aspectos do seu funcionamento já foram sistematizados, tais como o uso do contraste, da incongruência, da inversão da lógica, do exagero. O capítulo 3 menciona alguns desses procedimentos de construção do humor, com base no trabalho de Vladimir Propp³¹ sobre comicidade e riso e analisa sua utilização em textos produzidos por autoras brasileiras dos séculos XX e XXI (1950-2008).

Mais do que explicitar tais procedimentos, o objetivo do capítulo 3 é mostrar que eles podem ser encontrados em textos produzidos por mulheres. Com isso, um resultado suplementar que se quer construir no terceiro capítulo é uma espécie de antologia virtual de contos, casos e crônicas com humor, escritos por mulheres no Brasil. Diz-se antologia virtual porque os textos não foram incluídos na íntegra, pela impossibilidade de obtenção dos direitos autorais de

28 BARRECA, R. *The Penguin Book of women's humor*. New York: Penguin Books, 1996.

29 Ibid.

30 BRITO, M. S. Introdução. In: TORRES, M. (Org.). *As melhores histórias de humor de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Ediouro, [197-?]. p. 13.

31 PROPP, 1992.

alguns deles, mas buscou-se obter o endereço virtual de todos que já estão disponíveis na internet e incluí-los no capítulo 4. Além dos links, o quarto capítulo traz também a lista de todas as autoras citadas, acompanhada de uma microbiografia, e as referências completas de cada texto.

De cada uma das autoras citadas ao longo do capítulo 3, escolheu-se um conto que apresentasse algum traço de humor, relacionado aos mecanismos de construção humorística, tais como ironia, exagero, quiproquó etc. Esses contos foram organizados de modo a pôr em evidência o tema que ressalta dos textos analisados, colocando em foco o alvo do humor das mulheres, mostrando que ele não se restringe apenas a casa, marido e filhos, mas tem um escopo muito mais abrangente, abarcando literalmente Deus e o mundo.

A compilação da antologia significa que se considera verdadeira a hipótese formulada no início deste trabalho, ou seja, a de que há mais humor nos textos das escritoras brasileiras do que imagina o mercado editorial, aí incluídos compiladores, editores, críticos e congêneres. A escolha de cada um dos textos, com base nos procedimentos fornecidos pela teoria e pelas dezenas de textos de humor dos mais diferentes gêneros, foi feita a partir da leitura e releitura de outras tantas dezenas de textos de autoras brasileiras de época, origem e estilo diferentes. Acredita-se que a análise que os acompanha é necessária, principalmente porque eles estão inseridos em um trabalho de feição acadêmico, mas espera-se que, na maioria deles, o humor que se julga estar aí presente prescindia de lentes teóricas e seja visível também a olho nu.

Para encerrar esta introdução, retoma-se o desafio de Possenti e Millôr e espera-se, com o trabalho que se inicia, poder acrescentar algo de interessante e útil aos estudos sobre o humor produzido por mulheres no Brasil.